

A construção da identidade entre jovens negros do Conjunto Habitacional Palmital – Santa Luzia - MG

¹Moisés Ferreira Geraldo

Introdução:

A juventude negra enfrenta atualmente um grande desafio nas áreas periféricas. Alvo principal da violência urbana tem na cor da pele a marca de uma exclusão histórica como desafio de sobrevivência. Os números de vítimas da violência é uma das expressões da desigualdade que afeta essa população. O estudo tem como proposta abordar a juventude negra e suas estratégias para construção da identidade étnico-racial no conjunto habitacional Palmital localizado na periferia da cidade de Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte. Na primeira parte discorre-se sobre a história do conjunto habitacional Palmital, buscando resgatar o processo de instalação do conjunto na região e os seus impactos na experiência juvenil. A segunda parte abordará o que é ser jovem negro no Palmital, mostrando as estratégias utilizadas de uma juventude que tem na origem e no contexto atual do bairro barreiras para seu desenvolvimento. Parte-se da perspectiva de que a construção da identidade negra está intimamente relacionada ao enfrentamento desses problemas.

Um breve histórico do Conjunto Habitacional Palmital

O conjunto habitacional Palmital, localizado na cidade de Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte, se caracteriza por uma população com perfil socioeconômico baixo e que tem na sua ocupação uma história de exclusão social e de luta pelo direito a uma moradia digna. O conjunto habitacional Palmital foi construído pela Companhia de Habitação de Minas Gerais (Cohab-MG), criada em 1965 pelo governo de Minas Gerais com a finalidade de combater o déficit habitacional e urbanizar vilas e favelas no Estado. Essa política habitacional era financiada pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) criado em 1964. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – no período de 1980 a 2010 os números nos mostram que as populações dos municípios vizinhos aumentaram consideravelmente. O

¹ Mestrando da Faculdade de Educação - FaE/UFMG - vinculado ao grupo de pesquisa Observatório da Juventude/UFMG e Orientado pelo Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão. Contato: prof.moisesgeraldo@gmail.com

exemplo é Santa Luzia que, de uma população de 59.892 em 1980 saltou para 202.942 em 2010.

A origem dos moradores do conjunto habitacional Palmital é na sua maioria de vilas e favelas de Belo Horizonte que ocupavam áreas de risco. Após fortes chuvas ocorridas no ano de 1983 milhares de famílias se viram na situação de ter de sair de suas casas devido a condição eminente de desabamento. Esse processo de remoção das famílias de áreas de risco foi pautada por tensões entre a prefeitura e as famílias, o poder público queria direcionar esse grupo para região metropolitana fora do limite do município e as famílias exigiam a permanência na região onde moravam a anos. Essa situação se transformou em uma luta de resistência, acreditando que a permanência no local de origem era um direito das famílias.

Com o passar do tempo os problemas foram se agravando e os moradores do Palmital se viram isolados numa região desconhecida e distante de toda uma rotina construída em torno do trabalho, da escola, do comércio etc. Mesmo vivendo uma realidade difícil nos locais anteriores de moradia, eles se viam melhores quando residiam em Belo Horizonte. As dificuldades vividas no cotidiano do bairro direcionavam os moradores para duas alternativas: mudar-se para outro lugar com estrutura mais sólida ou permanecer no local e buscar soluções partindo dos próprios moradores em ações coletivas. Como muitas famílias não tinham condições de mudar para outra localidade, permaneceram no local e se mobilizaram para um processo de mudança no bairro.

Impactos na experiência juvenil do Conjunto habitacional Palmital

O jovem se socializa na realidade do Palmital e encontra nesse contexto barreiras para seu reconhecimento efetivo como sujeito de direitos pelas instituições que os cercam. Visto como problema carregam na sua trajetória juvenil o peso da intervenção dos adultos nas suas perspectivas e decisões. Dificulta-se a essa juventude o acesso a políticas públicas capazes de garantir a fruição de bens materiais, culturais e políticos, sendo limitadas as iniciativas visando à criação de espaços públicos que privilegiem a sociabilidade juvenil. Para ABRAMO (1997) as questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) isto é, sua condição de juventude é pensada na lógica do adulto, por isso se compreende que esse momento é propício para o erro.

As propostas de diálogo impostas aos jovens seja pelo poder público ou sociedade civil sempre envereda pelo discurso do moralismo, enquadrando-os a um

modelo de consumo sem limite, desconectado a uma lógica de trabalho isto é, associação a “preguiça” e falta de interesse. É também depositada ao jovem a perda de valores comunitários, levando um raciocínio de que não se importam com os problemas enfrentados pelo seu bairro ou cidade, vivem alheios aos problemas. Porém o que mais impacta a juventude é com certeza o estereótipo de agressividade como algo inerente a sua natureza, justificando, portanto praticas de repressão social sobre esses jovens. Cria-se, portanto uma dimensão que nos leva a pensar que o jovem está alheio ao mundo que o rodeia e não são capazes de enfrentar sozinhos os problemas.

As juventudes na realidade nos mostram outro quadro de representação, uma lógica própria de experimentar a vida que por muitas vezes confronta com o mundo dos adultos na medida em que estão inseridos nas mesmas regras e normas, mas que se posicionam de maneiras diferentes. O jovem morador de periferia convive com estereótipos negativos que acaba falando mais alto do que suas potencialidades e são reduzidos a uma análise partindo da realidade social e do lugar onde vivem numa perspectiva de limite. Na realidade a juventude interage com os problemas do bairro e tem a consciência de sua dimensão, apresenta uma identidade pautada no campo das “resistências” isto é, através do seu discurso, modo de vestir, falar e de agir que são próprios do seu tempo de vivência demonstram elementos reveladores de uma cultura urbana.

A construção de uma identidade não é um exercício simples que se inicia de dentro para fora somente num exercício isolado, pelo contrario, é na verdade uma relação de experiência com outro isto é, eu construo meu significado partindo da interação com o grupo no qual pertencço, é uma relação permeada de tensão entre o mundo interior e exterior. Para BAUMAN (2005),

(...)Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio individuo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.(p.17)

O autor defende que experimentamos uma identidade líquido-moderna, um contexto que o mundo vive hoje, uma fragmentação dos ritmos que recai sobre o sentido da nossa existência. Permeada por sucessões de episódios ligadas por conexões frágeis, às relações passam, portanto a serem efêmeras num processo constante de mudança na nossa identidade.

O exercício da construção de uma identidade faz com que os jovens do Palmital adotem posturas diferenciadas conforme o lugar de vivência. Quando o contexto trás algum benefício, a postura é assumir de forma ativa a identidade de morador do bairro como forma de intimidar, utilizando o perfil de violência como estratégia, mas quando a situação de assumir onde mora não trás benefício algum, a postura é negar e dizer que mora em algum bairro vizinho. Essa situação demonstra que a identidade utiliza elementos de estratégia e negociação.

As estratégias adotadas para negar a identidade com o bairro em locais como lojas, shopping, bares, eventos e oportunidades de emprego é de romper ou neutralizar qualquer elemento que possa identificar como morador de uma área de vulnerabilidade social. Pensar o local de origem na perspectiva da negação resulta numa dimensão imaginária negativa do espaço e das pessoas que ocupam essa localidade.

CASTELL(1999) nos trás uma discussão importante sobre identidade partindo do campo da “resistência” onde o marginalizado busca caminhos alternativos para confrontar o poder estabelecido pelas instituições da sociedade. Para o autor,

(...)Identidade de resistência: Criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos...(p.24)

Negar ou afirmar como morador do Palmital é uma forma de construir identidades (no plural) atendendo uma lógica flexível e negociável contrapondo a uma rigidez na construção da identidade. Para HALL (2011) as identidades não são fixas, são representadas através do debate com os sistemas culturais no qual estamos inseridos isto é, sistemas de significação e representações culturais, numa perspectiva de identidades possíveis. Ser jovem no Palmital passa, portanto pela luta cotidiana em se manter preservado pelas múltiplas formas de violências e buscar forças para ir além das barreiras impostas a sua condição de juventude.

A segregação urbana como fator de manutenção de exclusão dos jovens utiliza nesse caso o critério da pobreza. O Palmital nasceu, portanto de uma política habitacional que atenderia uma lógica de alocar populações com perfis socioeconômicos homogêneos isto é, manter historicamente uma condição de

distanciamento do seu território para reforçar as diferenças entre os grupos sociais. A condição de marginalidade imposta à periferia tem como base a lacuna existente entre os ricos e pobres. Nesse caso, o espaço apresenta-se como elemento de exclusão. Para LEFEBVRE(2008),

(...)Excluir do urbano grupos, classes, indivíduos, implica também excluí-los da civilização, até mesmo da sociedade. O direito à cidade legitima a recusa de se deixar afastar da realidade urbana por uma organização discriminatória, segregadora. (...)centros de decisão, de riqueza, de poder, de informação, de conhecimento, que lançam para os espaços periféricos todos os que não participam dos privilégios políticos.(p.32)

A construção da identidade negra por muitos jovens do Palmital está vinculada à experiência da desigualdade e a luta pelo direito à cidade de que nos fala o autor.

Ser jovem negro no Palmital

Podemos começar discutindo sobre a construção da identidade negra. Uma construção identitária pautada na interação, o conceito identidade passa pela concepção que o indivíduo faz de si mesmo, intermediada pelo reconhecimento do outro. Constituída na interação resulta, portanto numa negociação ou dialogo dos elementos interiores com os elementos exteriores. Esses processos são complexos e tensos na medida em que a identidade negra vem sendo ressignificada, historicamente, desde período da escravidão até as formas atuais veladas de racismo, alimentada pelo mito da democracia racial e ao mesmo tempo contraposto pelas lutas de resistências negras experimentadas na história do Brasil.

As condições de marginalidade e exclusão social em que vive uma parcela da população negra requerem da sociedade civil e do poder publico uma urgência de políticas públicas voltadas para esse segmento. A pobreza no Brasil infelizmente tem a cor negra, e tem endereço, as periferias e favelas. Podemos então concluir que nem todos os pobres do Brasil são negros, mas é fato que a grande maioria dos negros no Brasil é pobre. A juventude negra inserida nessa realidade tem na sua trajetória de vida as marcas da discriminação, preconceito e da exclusão social. O jovem negro do Palmital se apresenta como grupo frágil nesse contexto, pois carrega os estereótipos de ser negro, jovem e pobre numa localidade que sofre o peso da discriminação desde sua origem.

O mundo vive atualmente no que tange a juventude um momento especial nunca teve tantas pessoas numa faixa etária entre 15 a 29 anos. Em 2010, 26% da

população mundial era jovem. No Brasil 26% da população estava na faixa etária entre 15 a 29 anos representando 51 milhões de um total de 200 milhões segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Quando separamos os dados por cor ou raça os números passam a ser mais significativos. Dos 26% de jovens no Brasil, 53,59% se declararam negros (27.514.695 milhões). A juventude negra se faz presente nessa faixa etária no Brasil atual sendo merecedora de uma atenção especial. Ao se declarar espontaneamente como negro percebemos uma mudança no cenário étnico-racial no qual podemos citar como influencia os exemplos da lei 10.639/03 e os sistemas de cotas.

Já em Santa Luzia segundo dados do IBGE de 2010, 73% da população se declarou como negra (145.366). Do total da população, 36,7% (55.270) são jovens (entre 15 a 29 anos) no qual aproximadamente 70% são negros (pretos e pardos). A população jovem de Santa Luzia é significativa nessa faixa etária e pertencente à etnia negra. Os números mostram a urgência por parte do poder público na elaboração de políticas públicas que atendam a necessidade dessa parcela da população. Infelizmente a população negra se faz presente como a maioria, mas no campo da representatividade encabeçam uma estatística negativa no cenário brasileiro. Estudos da Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR – em 2010, 54% da população se declarou negra (96,7 milhões), mas comparando a participação do negro em alguns setores percebemos a exclusão do negro de forma efetiva. Segundo PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2008, 10% da população brasileira com mais de 15 anos são analfabetos, neste grupo, a taxa de analfabetismo da população negra era, proporcionalmente, 118,4% superior a dos brancos. No mapa da violência – A cor dos homicídios no Brasil lançado em 2012 nos mostra o lado cruel do racismo brasileiro. A taxa de homicídios por cor ou raça numa comparação no período de 2002 a 2010 chega aos seguintes resultados: entre os brancos a taxa de homicídio em 2002 era de 41% e em 2010 foi para 24,6%. Uma redução na taxa de homicídios para a população branca. Para a população negra a taxa em 2002 era de 58% e em 2010 foi para 71%. Para a população negra a taxa de homicídios aumentou. Quando essa taxa de homicídios é direcionada ao jovem os números são alarmantes: Os brancos chegavam em 2002 a 37,5% e em 2010 passou para 24,6% e enquanto os negros em 2002 a taxa era de 62,2% e para 2010 foi para 75,1%. Podemos concluir sem medo de errar que a população jovem negra está sendo exterminada como em um cenário de guerra.

Justifica, portanto buscar esse grupo étnico como objeto de estudo, pois como a maioria da população de Santa Luzia é negra por consequência essa taxa se

confirma no Palmital. A violência, a evasão escolar, mercado de trabalho e o racismo são elementos desafiadores para a juventude negra do Palmital que encontra uma carga de estigma dura e pesada, pois recaem sobre essa juventude os estereótipos comuns ao segmento jovem, somado ao preconceito por morar em uma área vulnerável socialmente e ainda tem que enfrentar o racismo.

A experiência de ser jovem negro e morador do Palmital acarretam para essa juventude uma vivência própria, pois estão cotidianamente expostos aos problemas do bairro. Essa experiência revela uma necessidade de um olhar crítico sobre a própria história de vida, identificando na particularidade do bairro, as articulações de elementos que levam a afirmar e a reconhecer a condição de negro, buscando captar os elementos para uma reflexão que permitam compreender o pertencimento ao Palmital como o lugar que moro e construo minha identidade. A construção da identidade étnico-racial se dá nos múltiplos espaços onde esse jovem se inseriu, a família, escola, programas sociais, coletivos de jovens ou qualquer espaço apropriado por essa juventude. Espaços que aproximam as histórias de vida de uma juventude que tem em comum o lugar onde mora e a cultura negra, buscando na experiência do outro um campo de possibilidades e estratégias. A partir dessa interação a juventude vai desenvolvendo um modo de ser, estilo de vida e estratégias que fortaleça a identidade com a cultura negra. Essa nova dimensão para a juventude negra, reconhecendo no contexto social, novas possibilidades que privilegiam a interação com a comunidade e que rompa cotidianamente com a lógica do limite, do racismo e da discriminação. Perceber essa juventude ligada à cultura negra como eixo central para a construção de sua identidade, através de estratégias adotadas em seus percursos de vida.

Diante de um contexto social excludente que tem nas suas principais vítimas o segmento juvenil negro é possível encontrarmos um poder de mobilização em seus diversos formatos socioculturais que adotam o hip hop, os blocos afro, coletivos de estudantes negros como forma de fortalecer a identidade negra. Muitos coletivos de jovens não tem como objetivo explícito a discussão sobre a identidade negra, mas a sociabilidade, a troca de experiência e do exercício da escuta contempla o debate sobre ser jovem negro no Palmital. O poder de apropriação e resignificação que esses jovens negros dão aos espaços frequentados, um formato cultural que parte das suas próprias experiências de vida.

A resignificação que os jovens dão aos espaços do bairro e as relações que travam com os significados dados pela ótica adulta são conflitos constantes. O boné virado de lado, as roupas largas amostra a peça íntima que faz parte do conjunto, o

fone de ouvido ou as caixinhas de som como peça fundamental junto ou não de um skate. Podemos também observar os que estão de tom preto na vestimenta e de roupas coladas ao corpo e com o boné virado, mas que não pode atrapalhar o penteado próprio do grupo. O rap, Hip Hop, Funk, Rock ou axé embalam suas rodas de conversas e danças, seus jeitos despojados e naturais, jogando baralhos, soltando papagaios ou jogando bola ou basquete. Essas dimensões são múltiplas e não cabe nesse momento mapeá-las, mas mostrar uma dinâmica juvenil própria, aquela que ocupa o seu espaço. Na praça chamada de “Savassinha” essas relações acontecem, fica no centro do bairro, o espaço do encontro, reunião dos jovens evangélicos que reúne para escutar e cantar rap, outro grupo que vai jogar basquete e falar de futebol, espaço da transgressão, jovens que também ocupam esses espaços para fazerem uso de drogas e bebidas, uma noção de espaço da permissão.

A rua também ganha esse significado de sociabilidade e educação, o bate papo nas esquinas, no campinho no final da rua e até mesmo entorno das bocas de fumo. A significação que a juventude dá ao lugar onde mora atende uma lógica própria de como se ver diante dos espaços institucionalizados. Durante o dia é permitido frequentar espaços e transitar livremente, mas conforme a hora aquele espaço perde esse sentido inicial, espaço de lazer passa para um espaço da transgressão. Os espaços ganham um sentido fluído e as identidades de quem frequenta também. A variabilidade do sentido do espaço apropriado, durante o dia crianças, jovens e idosos se apropriam, a ociosidade e o lazer ganham aspectos positivos, mas durante a noite é frequentado por traficantes e viciados para uso e venda de drogas, nesse momento ganha um aspecto negativo e perigoso. A rua toma essa mesma dimensão, a vigilância da própria polícia atua nessa variabilidade do sentido do espaço. O jovem imerso a essa dimensão busca confrontar os estereótipos atribuídos para esses espaços, tendo uma percepção diferente do adulto da variabilidade de ocupar espaços independentes da hora.

A identidade é um instrumento importante para o alargamento da condição de ser jovem no Palmital. A todo o momento esse jovem é chamado para essa discussão sobre sua identidade como morador de uma área violenta e vulnerável e pela experiência do racismo. A necessidade da juventude por trabalho é muito forte, a decisão entre completar os estudos e trabalhar e ganhar seu dinheiro, para ajudar em casa ou inserir-se ao mundo do consumo, é um dos dilemas comuns para essa juventude periférica. Muitos abandonam a escola para assumir empregos temporários ou no caráter informal. Muitos jovens percebem a dificuldade de inserção no mercado de trabalho pela falta da escolaridade para assumir um emprego melhor. O mercado

de trabalho passa a ser um desafio para esse jovem, pois tem que superar o problema da segregação residencial, da falta de escolaridade e do racismo. Os jovens negros acabam exercendo sua identidade de forma negociada, pois as experiências fora do bairro, quando vai buscar emprego ou participar de uma entrevista de emprego, mostra que assumir a negritude através do cabelo, das roupas e até mesmo no discurso é elementos desfavoráveis para inserção nesse mercado. Muitos jovens não trançam os cabelos ou penteado que ressalte a sua negritude, por exemplo, mesmo achando bonito, por causa da rejeição das pessoas em não aceitar essa manifestação. Por isso é muito comum durante finais de semana ou feriados o jovem ter a oportunidade de expressar a cultura negra através penteados, roupas e a fala, pois está no seu espaço, e durante a semana no trabalho oculta essa postura por medo de sofrer alguma forma de preconceito.

O Conjunto habitacional Palmital não está desconectado com a cidade de Santa Luzia e nem com o mundo, os significados e as relações que acontece em espaços fora do bairro contribuem para um fortalecimento ou enfraquecimento da identidade e do pertencimento étnico. Entendemos que as trocas acontecem entre o sujeito e o lugar, compartilhamentos de experiências na e do lugar. Para o jovem negro morar no Palmital é ampliar os significados das ruas, praças, pontos de encontro, lugares de trabalho e diversão, de paisagem, de sociabilidade e de identidade.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1997, n.05-06, pp. 25-36.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.p.37-70.

ANDRADE, Luciana Teixeira. NAZÁRIO, Rejane de Oliveira. Da favela para o conjunto: a periferia no entorno da nova cidade administrativa de Minas Gerais. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v.17, n.21, 2º sem. 2010

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm).

BAUMAN, Zygmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. P.109.

BARKER, Gary. *Homens na linha de fogo: juventude, masculina e exclusão social*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

- CASTELL, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.(V.2)
- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001. 208p.
- CASTRO, Lucia Rabello de. A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- DAYRELL, Juarez. GOMES, Nilma Lino. DAYRELL, Juarez. GOMES, Nilma Lino. A juventude do Brasil.2005. (internet: www.cmjhb.com.br/arg_Artigo/sesi%20juventude%20no%Brasil.pdf)
- FONSECA, Elza Aparecida Geraldo. A identidade racial através da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG (Monografia).2012.
- GOVERNO FEDERAL. Secretaria de Políticas de Promoção de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR. Perspectivas Negras - Construindo políticas públicas na intersecção entre Juventude e Promoção da Igualdade Racial. Relatório. Brasília, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. MUNANGA, Kabengele. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11.ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- IBGE – Instituto Brasileiro Geografia Estatístico. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. P.192
- RIBEIRO, Luiz Cesar de; KAZTMAN, Ruben. A Cidade Contra a Escola: Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital:FAPERJ; Montevidéu, Uruguai: IPPES, 2008. P.15-32.
- SANTOS, Thiago Andrade dos. Consequências socioespacial da excludente formação do espaço metropolitano de Belo Horizonte para o território de Santa Luzia/MG: Estudo de caso dos conjuntos habitacionais Cristina e Palmital. Belo Horizonte: Instituto de Geociências – Departamento de Geografia da UFMG (Monografia).2010. 66p.
- SILVA, Gustavo Resgala. Formas de produção do espaço periférico metropolitano – Um estudo sobre São Benedito na região metropolitano de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG (Dissertação de Mestrado). 2011.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da Violência 2012: A cor dos homicídios no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

